

## COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO SOB A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA

*Marcela Zambolim de Moura<sup>a</sup>  
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda<sup>b</sup>*

### RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação sobre orações matrizes, compostas por verbo *ser* e predicativo, e suas orações encaixadas, que funcionam sintaticamente como sujeito, sob a luz da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT, 2008a, 2008b; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Objetivamos compreender como esse objeto se organiza e se desenvolve na língua portuguesa, destacando os usos microconstrucionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abordagem construcional da mudança; rede de construções; complexo oracional subjetivo.

Recebido em: 29 mai. 2017

Aprovado em: 09 set. 2017

### Considerações iniciais

O artigo que ora apresentamos é um recorte de nossa tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2017. O objetivo geral da pesquisa consistiu na análise do complexo oracional subjetivo, composto por verbo *ser* e predicativo na oração matriz, com base

---

<sup>a</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora; professora doutora do IF Sudeste MG, campus Rio Pomba. marcela.moura@ifsudestemg.edu.br

<sup>b</sup> Professora pós-doutora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - MG – Brasil. patriciafabianecunha@gmail.com

na abordagem construcional da mudança linguística, proposta por Traugott e Trousdale (2013), e propôs uma rede construcional para o complexo oracional subjetivo (cf. MOURA, 2017, p.203).

A escolha desse objeto baseou-se no fato de o complexo oracional subjetivo, composto por verbo *ser* e predicativo na matriz, ser considerado, nos manuais tradicionais e nas pesquisas linguísticas, sobretudo pelo viés formal, através do qual sua forma é amplamente descrita. Nas pesquisas mais atuais, são apontadas, explicadas e exemplificadas suas variações e mudanças formais, sem a interligação direta com a função que as acompanha.

A pesquisa que empreendemos no doutorado baseia-se na investigação sincrônica e diacrônica e apresenta tratamento qualitativo e quantitativo dos dados. Neste artigo, apresentamos o resultado de nossa investigação, a partir, pontualmente, da análise da função em relação à forma, considerando-se seu caráter essencial na instanciação do complexo oracional subjetivo, priorizando uma análise qualitativa. Nossa questão, portanto, é: qual é a relação entre a função e a forma do complexo oracional subjetivo nos usos que apresentam especificidades?

A hipótese central que norteia a discussão desse artigo é: os usos microconstrucionais do complexo oracional subjetivo, composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa, constituiriam um pareamento entre função e forma e atenderiam a propósitos comunicativos distintos.

Com base nessa premissa, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que balizam essa análise, os conceitos centrais que norteiam nosso trabalho e que nos leva a investigar o complexo oracional subjetivo, considerando o pareamento função-forma. Por fim, apresentamos a análise dos usos microconstrucionais do complexo oracional subjetivo e destacamos a relação entre função e forma.

## **Pressupostos teórico-metodológicos**

Para investigar o complexo oracional subjetivo, adotamos a abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013). Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.3), há cinco princípios gerais que fundamentam os modelos teóricos, considerados pela abordagem construcional: (a) a

unidade básica da gramática é a construção a qual consiste em um pareamento convencional entre forma e função; (b) a estrutura semântica está diretamente relacionada com a estrutura sintática; (c) a língua é composta por uma rede de nós e de ligações entre esses nós que compõem uma estrutura hierárquica; (d) a variação cross-linguística pode ser explicada de várias formas, incluindo processos cognitivos de domínios gerais e construções com variação específica; (e) a estrutura da língua é constituída/determinada pelo uso da língua.

Nessa abordagem construcional da mudança linguística, as construções são independentes, mas relacionadas em um sistema hierárquico composto por níveis esquemáticos, a saber: macroconstrução – nível formado por esquemas abstratos, generalizados e universais, definidos pela forma e pela função; mesoconstrução<sup>3</sup>, – nível formado por conjuntos de construções relacionadas por comportamento sintático-semântico similar; microconstrução – nível formado por construções com características individuais; construto – nível formado por ocorrências empiricamente atestadas (TRAUGOTT, 2008a, p. 236, 2008b, p. 6).

Embora a abordagem construcional da mudança, sistematizada em Traugott e Trousdale (2013), contemple a correspondência direcional entre forma-função, os estudos funcionalistas consideram a sobreposição da função sobre a forma, resultando em uma correspondência unidirecional entre essas dimensões. Isso significa que os componentes abarcados pela função – discurso, semântica e pragmática – recrutam os componentes da forma – sintaxe, morfologia e fonologia – para a instanciação de um novo par função-forma.

A esse respeito, Bybee e Fleischman (1995, p. 3, tradução nossa) explicam que “a função explica a distribuição da forma”<sup>4</sup>. Compartilhando também essa visão, Fischer (2011, p. 39, tradução nossa) explica que “uma mudança no significado pode afetar a forma”, uma vez que “forma e significado constituem um todo”<sup>5</sup>. Mais recentemente, Furtado da Cunha *et al.* (2016, p.

---

<sup>3</sup> Os níveis macroconstrução e mesoconstrução são nomeados por Traugott e Trousdale (2013, p.17) como esquema e subesquema. Assumimos os termos macroconstrução e mesoconstrução de acordo com a proposta de Traugott (2008a, p. 236, 2008b, p. 6) – e atendendo às considerações de Teixeira e Rosário (2016, p. 148).

<sup>4</sup> “[...] function should explain distribution of form.”

<sup>5</sup> “Because form and meaning constitute a hole, a meaning change may affect the form [...]”.

62) discutem o estatuto da forma e da função, advogando que esses componentes “não se encontram num mesmo nível, isto é, não têm o mesmo peso ou valor”, haja vista o fato de sentidos diferentes – mesmo que estreitamente relacionados – poderem ser atribuídos a uma mesma construção, ou seja, a forma não modifica, mas a função sim. Essa consideração é observada no Princípio da Não Sinonímia postulado por Goldberg (1995) – e discutido em Furtado da Cunha *et al.* (2016) –, de acordo com o qual duas formas diferentes não podem expressar a mesma função, embora duas funções diferentes possam ser expressas pela mesma forma.

Segundo Furtado da Cunha *et al.* (2016), também é possível endossar o argumento de que a forma depende da função, através da explicação de Croft (2013) sobre os componentes da construção. O autor defende que “o espaço conceitual (...) é universal, enquanto as categorias gramaticais são específicas à língua”<sup>6</sup> (CROFT, 2013, p. 222 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016, p. 63, tradução nossa). Nesse sentido, as relações semânticas definem os padrões construcionais.

Assim, consideramos, nesta pesquisa, que a forma se estabelece em relação à função que o falante pretende instanciar no uso. É importante esclarecer ainda que adotamos a correlação “função-forma” para nos referirmos ao pareamento dos elementos da construção, visto que assumimos o papel fundamental da função na instanciação da forma.

Para a pesquisa de doutorado, investigamos dados sincrônicos e diacrônicos. A amostra sincrônica dos dados é composta pelo projeto *Mineirês: a construção de um dialeto*; *PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*; *NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro*; e por revistas impressas e *online* de circulação nacional, como *Cláudia*, *Veja*, *Isto é* e *Caras*. As amostras representativas da abordagem sincrônica recobrem, nesse sentido, textos reais das modalidades escrita e oral do português brasileiro. Cada banco de dados – tanto da oralidade quanto da escrita – é composto por 300 mil palavras, a fim de se manter a uniformidade dos *corpora*.

A amostra diacrônica é composta pelo *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)* e pelo *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, reco-

---

<sup>6</sup> “the conceptual space is universal (...), while grammatical categories are language-specific.”.

brindo textos reais escritos do português brasileiro e do português europeu, datados entre o século XIII e o século XIX. Realizamos um recorte de 100 mil palavras por século investigado com o objetivo de manter também a uniformidade no número de palavras.

A análise empreendida na pesquisa de doutorado se baseou, primordialmente, na metodologia qualitativa, porém também se utilizou do levantamento da frequência de uso, a fim de descrever diferentes usos do complexo oracional subjetivo. Entretanto, priorizamos, nesse artigo, a análise qualitativa de exemplares sincrônicos, para destacar as especificidades de usos atuais.

### **Análise de dados: níveis construcionais do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa**

O complexo oracional subjetivo caracterizou-se, tipicamente, na pesquisa diacrônica e sincrônica, pelos seguintes elementos: (i) oração matriz, composta por verbo *ser* e predicativo, em que podem estar presentes adjetivo, substantivo ou, ainda, particípio, com função adjetiva; (ii) oração encaixada subjetiva, formada por complementizador *que* ou *de*; verbo finito ou não finito; e argumentos que, possivelmente, esses verbos podem selecionar.

Em relação à função, o complexo oracional subjetivo marca *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*, através da seguinte representação formal: {[ (NÃO) + SER + PREDICATIVO ]<sup>anteposta/posposta</sup> [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]}. O posicionamento do falante é a adição de significado ao valor semântico neutro da proposição. Na representação formal da construção mais genérica – macroconstrução –, o complexo oracional subjetivo: admite o elemento negativo na oração matriz – cuja possibilidade está indicada pelos parênteses; é instanciado por verbo *ser* e predicativo, que podem ser alocados em posição anteposta ou posposta à oração encaixada subjetiva – essas possibilidades de usos estão sinalizadas pelo alçamento dos termos *anteposta/posposta* à oração matriz. A oração encaixada subjetiva, por sua vez, pode apresentar verbo não finito ou conjunção *que* ou *se* e verbo finito, como encontramos nos dados. Tanto a matriz quanto a encaixada têm seus limites marcados pelos colchetes, e todo o complexo oracional subjetivo apresenta-se delimitado pelas chaves.

Observamos, em nossos dados, que o falante, ao instanciar seu posicionamento, pode assumir o enunciado como não factual – enunciado de veracidade não constatada ou não constatável (PALMER, 1986, p. 17) –, imprimindo, portanto, modalização ao seu discurso; ou pode assumir o enunciado como factual – enunciado de veracidade constatada ou constatável (PALMER, 1986, p. 17) – marcando, assim, seu discurso através de um posicionamento avaliativo. Para tanto, seleciona predicativos típicos de posicionamento modalizador e de posicionamento avaliativo.

Observamos ainda que o falante imprime proeminência ao seu posicionamento ou rebaixamento, através da instanciação de relevo. Trata-se do grau de saliência dos elementos que, em relação ao nosso objeto, compõem a oração matriz (TRAVAGLIA, 2006, p.167). Em termos formais, a oração matriz está anteposta à oração encaixada subjetiva, isto é, está focalizada, quando recebe maior grau de relevo. Ao contrário, a matriz encontra-se posposta à encaixada subjetiva, quando recebe menor grau de relevo. Assim, o enunciador imprime maior relevo para, principalmente, argumentar em favor do seu posicionamento; organizar topicamente o texto, e direcionar a atenção do interlocutor para seu posicionamento ou para a proposição. Esse direcionamento, segundo Travaglia (2006, p.168), “representa uma dimensão argumentativa” mais ampla do relevo, pois o relevo “parece marcar como o produtor do texto representa os elementos constitutivos do texto”. Nesse sentido, o falante materializa na organização textual, com base também na relação interacional, como ele propõe que seu interlocutor represente o enunciado.

Em relação à instanciação de um posicionamento com maior grau de relevo, identificamos cinco microconstruções – ilustradas de (1) a (5) –, nos *corpora* investigados, através das quais o falante sinaliza seu engajamento com o conteúdo proposicional – ocorrências de (1) a (3) – ou avaliação desse conteúdo – ocorrências (4) e (5). No tocante ao posicionamento com menor grau de relevo, identificamos quatro microconstruções – exemplificadas de (6) a (9) – que instanciam o engajamento do falante com a proposição – ocorrências (6) e (7) – ou sua avaliação – ocorrências (8) e (9).

Tais padrões microconstrucionais, que estão exemplificados a seguir, caracterizam-se, principalmente, pelas especificidades que assume o posicio-

namento do falante. As particularidades são indicadas, pontualmente, pelo predicativo da oração matriz, que pode se harmonizar com palavras ou locuções na oração encaixada subjetiva ou no seu entorno textual.

(1) Morde quando está irritado, morde quando está feliz. Como ele ainda não se expressa muito bem verbalmente, é preciso ser consistente no “castigo”. (Modalidade escrita)

O excerto, em (1), apresenta como característica específica, posicionamento modalizador deôntico, instanciado através de adjetivo ou nome na oração matriz, que pode expressar ordem, comando, necessidade, obrigação ou permissão. Em relação aos diferentes meios linguísticos através dos quais a modalidade pode ser expressa, Neves (2006, p. 167) destaca o adjetivo como um desses elementos. Desse modo, encontramos sete tipos diferentes de predicativos na sincronia atual para a instanciação de posicionamento modalizador deôntico com maior grau de relevo, a saber: *necessário; obrigação; obrigatório; preciso; proibido; providencial; quase necessidade*.

Em (1), o falante caracteriza como *preciso* a necessidade de *ser consistente no ‘castigo’*. Ao instanciar tal predicativo, em oração matriz que está focalizada, o falante enquadra o enunciado no sistema de suas crenças e perspectivas pessoais, ressaltando para o interlocutor que não se deve “contrariar esse enunciado sem contrariar todo um sistema de crença e valores, que afinal, são propriedade privada de quem fala” (ILARI; BASSO, 2008, p. 478). Formalmente, a oração matriz é composta por verbo *ser* e predicativo – *preciso* – e a oração encaixada subjetiva é caracterizada por verbo na forma não finita – *ser consistente no castigo* – que é característica típica da microconstrução que expressa modalidade deôntica. Essa propriedade é entendida como uma condição para que o *posicionamento* seja instanciado em relação a uma ação em potencial. Como se trata de modalidade que expressa ordens, obrigações, permissões, necessidades, os enunciados contêm ações projetadas e não finalizadas ou em execução. Conforme afirma Palmer (1986, p.17), trata-se de uso não factual. Assim, {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DEÔNTICO]<sup>anteposta</sup>[+ VERBO NÃO FINITO]} representa formalmente essa ocorrência.

(2) – *Por que ainda não casaram?* Fernanda – Marcelo é romântico e continua me pedindo em namoro todos os dias. É lógico que pensamos em nos casar, mas vai ser somente quando a vida profissional acalmar. Definitivamente, não é agora. (Modalidade escrita)

Em (2), a microconstrução que representa o complexo oracional subjetivo caracteriza-se, especificamente, pela expressão da modalidade epistêmica asseverativa, através de adjetivo ou nome na oração matriz. A modalização epistêmica se situa em um *continuum* que abrange o (*absolutamente*) *certo* – caracterizando a modalidade epistêmica asseverativa – e *graus do possível* – caracterizando a modalidade epistêmica relativa. No extremo da certeza, o enunciador marca como “verdadeiro o conteúdo do seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização” (NEVES, 2006, p.172). Em relação à focalização do maior grau de comprometimento do falante com a proposição, encontramos treze tipos de predicativos, na sincronia atual, nos *corpora* investigados: *certo; claro; evidente; fato; fundamental; imperioso; inegável; inevitável; irreversível; legítimo; lógico; óbvio; verdade*.

O excerto em (2) é composto, na matriz, por verbo *ser* e predicativo, a saber, *é lógico*; na encaixada, conjunção *que* e verbo *pensamos*. Nesse caso, a finitude do verbo na oração encaixada subjetiva, juntamente com a modalização epistêmica asseverativa instanciada na matriz através do predicativo *lógico*, sinaliza que o falante atesta o fato, comprometendo-se com o dito, uma vez que se trata de uso não factual. A representação formal dessa ocorrência é: {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO ASSEVERATIVO]<sup>anteposta</sup>[+ QUE + VERBO FINITO]}.

(3) Lembra do TRIPÉ DA SAÚDE!

-Alimentação saudável.

-Atividade física.

-Sono reparador.

O carro fica velho, troca, as roupas, relógio, celular, maquiagem é possível atualizar, mas nosso corpo é para durar toda a vida. (Modalidade escrita)



No excerto em (3), o falante apresenta-se com certo descomprometimento em relação ao enunciado da encaixada subjetiva. Esse descomprometimento é respaldado no fato de o falante não ser a fonte do conhecimento, não ter acesso à fonte do conhecimento referente ao conteúdo da oração encaixada subjetiva ou, ainda, sendo a fonte do conhecimento, optar por não se comprometer com o dito. O falante atua como *filtro natural das proposições* que expressa (NEVES, 2006, p.165) e sinaliza, através da relativização da afirmação, que objetiva *proteger a face* (GOFFMANN, 1980, p.77). Os tipos de predicativos, instanciadores de modalidade epistêmica relativa, com maior grau de relevo, encontrados, em nossa análise, são quatro: *impossível, improvável, possível e provável*.

O principal elemento linguístico responsável pela expressão de *comprometimento epistêmico relativo* com o enunciado na oração encaixada subjetiva é o predicativo, preenchido em (3), pelo adjetivo *possível*. Tal predicativo indica a *qualificação* duvidosa (NEVES, 2006, p.164) que o falante confere à informação *em termos de sua origem* ou em termos do quanto o falante se descompromete com o enunciado. Essa seleção de adjetivos, prototipicamente, epistêmicos relativos, deve-se ao fato de o falante não assumir o dito como verdade constatada ou constatável. Esse elemento linguístico atua, algumas vezes, em harmonia (NEVES, 2006, p.204), com outras escolhas lexicais na expressão de *posicionamento epistêmico relativo*: em (3), a não finitude do verbo da encaixada subjetiva instancia ação em potencial – *atualizar*. A representação formal dessa microconstrução é: {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]<sup>anteposta</sup>[+ VERBO NÃO FINITO]}.

(4) Particularmente acho que o zagueiro são-paulino está totalmente correto. [...] **É ridículo pensar** que porque o cara é presidente do clube, pode denegrir a imagem de todo mundo por aí. Todo mundo é igual, pô!  
(Modalidade escrita)

A microconstrução, representada em (4), indica posicionamento avaliativo afetivo do falante. White (2003, p. 5) nomeia como *afeto* a avaliação, que diz respeito “a respostas emocionais realizadas através de reações a processos mentais”. O autor também destaca que os valores que expressam o estado

afetivo do falante podem ser positivos ou negativos e ainda podem apresentar intensidade ou força, expressando uma gradação, como encontramos na nossa pesquisa: *não é tão ruim, é extremamente gratificante*. Em nossos dados, identificamos 36 tipos de predicativos na instanciação de posicionamento avaliativo afetivo com maior grau de relevo: *absurdo; agradável; alegria; bálsamo; bom; chato; delícia; difícil; divertido; emoção; emocionante; empolgante; frustrante; gostoso; gratificante; honra; imbecil; imperdoável; incrível; interessante; legal; lindo; loucura; maravilhoso; melhor; orgulho; ótimo; pena; prazer; privilégio; ridículo; saco; satisfação; superbacana; triste; vergonha*.

Assim, em (4), o falante avalia como *ridículo*, a partir de um processo mental, a ação *pensar que porque o cara é presidente do clube, pode denegrir a imagem de todo mundo por aí*. Os valores de afeto fornecem os recursos pelos quais o falante pode indicar como um fenômeno/evento/pessoa o afeta emocionalmente. Além do predicativo, outro elemento soma para a expressão desse posicionamento avaliativo afetivo: interjeição *pô* na sequência linguística em que se realiza o complexo oracional subjetivo, que também reforça o estado psicológico/emocional de indignação do falante. A ocorrência em (4), caracteriza-se, formalmente, por {{SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]<sup>anteposta</sup> [+ VERBO NÃO FINITO]}.

(5) E: Como qué na escola? Teve alguma coisa que aconteceu, cês já colar, já roboaro prova, ou não?

I1 e I2 – Eu já coleí (risos)

I1 – Eu num gosto muito de colá não porque assim eu num sei eu acho assim que é errado fica colano, mais eu já coleí (rindo sem graça) (Modalidade oral, *Corpus* do Projeto Mineirês, entrevista SJP 21)

Através da microconstrução, exemplificada em (5), o usuário da língua instancia, especificamente, *avaliação apreciativa*, que, nesse trabalho, diz respeito a expectativas sociais para comportamentos, processos, disposições e atos de terceiros, sistemas de valor – o que configura avaliação do tipo *julgamento* para White (2003, p. 6) – e a valores sociais para produtos, manufaturados ou naturais, concretos ou abstratos e processos – o que configura avaliação do tipo *apreciação*, também segundo White (2003, p. 6). Em nossa pesquisa,

encontramos 75 tipos de predicativos na instanciação de posicionamento avaliativo apreciativo com maior grau de relevo: *aconselhável; apropriado; bacana; besteira; bobagem; bom; bonito; brilhante; capaz; caro; complicado; compreensível; comum; consolo; deselegância; desumano; difícil; divertido; duro; errado; essencial; estimulante; exagero; fácil; fascinante; fraco; fundamental; horrível; ideal; imperdoável; importante; impraticável; imprescindível; impressionante; inadmissível; incomum; inconcebível; incrível; indispensável; inimaginável; insensatez; instrutivo; inteligente; interessante; inútil; irresponsável; justo; legal; libertador; maneiro; melhor; natural; normal; ótimo; pecado; pena; perigoso; perturbador; preferível; produtivo; raro; razoável; recomendado; recomendável; rentável; rico; ruim; sabido; saudável; simples; uma boa; unanimidade; violento; visível; vital.*

Destacamos que os predicativos encontrados, nesta pesquisa, não são exclusivos dos valores semânticos nos quais os classificamos. Observamos que os adjetivos *bom, difícil, divertido, imperdoável, incrível, interessante, legal, melhor, ótimo* e *pena* ocorreram tanto na instanciação de avaliação apreciativa quanto de avaliação afetiva. Os usos de tais predicativos caracterizam-se como um ou outro tipo de avaliação de acordo com o contexto de uso. Por isso, atentamos para a função do complexo oracional subjetivo no excerto e para as demais marcas que, possivelmente, podem ocorrer, confirmando a função desse complexo oracional.

Em (5), o posicionamento através do predicativo *errado* imprime uma apreciação crítica em relação ao conteúdo proposicional. Como o falante já assume o dito como realidade constatada ou constatável, avalia a proposição que se realiza em oração encaixada com verbo não-finito – *fica colano*. A ocorrência em (05) é representada, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]<sup>anteposta</sup>[+ VERBO NÃO FINITO]}.

Até aqui, os cinco usos apresentados compartilham a marca formal da focalização do posicionamento do falante, dessa forma, a oração matriz está anteposta à encaixada subjetiva. Diferentemente, os quatro usos, a seguir, compartilham a posposição da oração matriz em relação à encaixada subjetiva. O posicionamento do falante recebe, portanto, menor grau de relevo.

(6) [...] falar que ir bem na escola “é obrigação” não motiva ninguém a se dedicar mais... (Modalidade escrita)

O posicionamento modalizador deôntico, no eixo da conduta (NEVES, 2006, p.188), foi identificado também posposto à oração encaixada subjetiva. Esse padrão construcional, assim como os outros, apresenta aspecto interacional “na medida em que o locutor direciona o interlocutor para [...] um conteúdo específico, propondo o modo como o ouvinte deve conceber o texto” (TRAVAGLIA, 2006, p. 168). Nesse sentido, a proposição recebe proeminência e o posicionamento modalizador deôntico é instanciado de forma menos absoluta. Segundo Gonçalves *et al.* (2008, p.1046), as instanciações de valor deôntico marcam que a proposição é obrigatória ou suficiente para determinar um outro estado de coisas. Com essa função, encontramos quatro tipos de predicativos na sincronia atual, com menor grau de relevo: *necessário; obrigação; preciso; uma necessidade.*

Em (6), ressaltamos o predicativo *obrigação*, instanciador do engajamento do falante com o dito, a partir do controle impresso sobre a proposição. Tal proposição descreve a ação sugerida para o interlocutor – *ir bem na escola* – e recebe proeminência. Nesse sentido, o complexo oracional subjetivo caracteriza-se por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DEÔNTICO]<sub>posposta</sub>[+ VERBO NÃO FINITO]}.

(7) Se dá para fazer tudo, ótimo, se não dá, paciência, porque amanhã é outro dia, e dar continuidade é possível. (Modalidade escrita, nível intermediário)

O construto, em (7), do complexo oracional subjetivo ilustra posicionamento modalizador relativo com menor grau de relevo. Neves (2006, p.163) esclarece que se trata de posicionamento orientado para o sujeito da enunciação, uma vez que essa marca modal afeta o mundo do dizer através da crença e comprometimento do falante. Nesse caso, trata-se de comprometimento com certa relatividade, pois o falante não assevera o dito. Em nossa pesquisa, encontramos dois tipos de predicativos com menor grau de relevo: *possível* e *impossível*.

Dessa forma, o falante marca o enunciado com certo descomprometimento – *é possível* –, uma vez que instancia possibilidade em relação à ação descrita na encaixada subjetiva – *dar continuidade*. O construto em (7) é com-

posto por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]<sup>posposta</sup>[+ VERBO NÃO FINITO]}.

(8) Para tudo mudar é preciso tomar uma decisão mt firme e acertada, confiar em vc, tudo depende de nós. Para mim, estar em uma vida completamente diferente é imensamente maravilhoso, se sentir mulher da cabeça aos pés, sem demagogias de perfeição. (Modalidade escrita)

No exemplo (8), o falante assume o dito como veracidade constatada ou constatável e, por isso, imprime valor positivo sobre a proposição. Além disso, são considerados seus afetos, suas emoções, seu estado psicológico para marcar o enunciado. Hunston e Thompson (2003, p. 14) afirmam que a principal função de elementos como *splendid* e *failure* é avaliar.<sup>7</sup> (HUNSTON & THOMPSON, 2003, p. 14, tradução nossa). Em nossos dados, encontramos 18 tipos de predicativos avaliativos afetivos, com menor grau de relevo: *bom; coisa chata; cortês; divertido; emocionante; fácil; gostoso; gratificante; horrível; horror; indescritível; legal; lindo; maravilhoso; máximo; melhor; presente; ruim.*

Através desse posicionamento, o falante instancia em (8) sua reação afetiva, que é positiva – *é imensamente maravilhoso* –, em relação às consequências de uma mudança que empreendeu em sua vida – *estar em uma vida completamente diferente*. Destacamos o elemento *imensamente* que agrega força ao predicativo. Essa ocorrência é composta por: {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]<sup>posposta</sup>[+ VERBO NÃO FINITO]}.

(9) Mesmo que você não frequente os corredores, evite soar antipática ao cortar um comentário desagradável de um colega. Relacionar-se com todos é uma arte. Sorrir e mudar de assunto é a melhor estratégia. (Modalidade escrita, nível intermediário)

A microconstrução em (9) é marcada pela presença de predicativo avaliativo apreciativo, que diz respeito à avaliação em relação a circunstâncias

---

<sup>7</sup> “[Some lexical items are very clearly evaluative, in the sense that evaluation is their chief function and meaning”.

externas ao falante, denominamos, neste trabalho, posicionamento avaliativo apreciativo. Embora os estados que instanciam posicionamento pertençam ao falante como um indivíduo, Hunston e Thompson (2003, p.6) esclarecem que muitas afirmações revelam a ideologia da sociedade em que o texto é produzido, uma vez que a avaliação seria essencialmente comparativa ou contrastiva em relação à norma vigente.

Em nossa pesquisa, encontramos 52 tipos de predicativos avaliativos apreciativos, a saber: *arte; básico; batalha perdida; boa ferramenta/ideia/dica; complicado; comum; concessão especial; concreta; contraproducente; crucial; demonstração de amor e união; desafiador; difícil; erro gravíssimo; especial; essencial; estilo; exercício; experiência nova; experiência tensa; forma de exclusão; fundamental; grande negócio; humano; ideal; ilusão; importante; importantíssimo; indispensável; melhor estratégia; mole; natural; normal; nula; ótimo; perigoso; péssima escolha; positivo; prejudicial; prêmio; primordial; privilégio; prudente; retrocesso; saudável; simples; sinônimo de mais proteção; solução; supertranquilo; terapia; tolice; traumático.*

Em (9), o falante se posiciona em referência a estados externos a ele, isto é, suas reações são instanciadas com base em eventos, organizações sociais, relações entre pessoas, normas da sociedade – como comportamento – e ainda situações legais ou ilegais. Logo, o falante aprecia a proposição de forma crítica ou não. Nesse excerto, o falante se posiciona em relação à fofoca no tocante ao relacionamento com colegas de trabalho. A ocorrência acima é formada por: {{SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO}<sup>posposta</sup>[+ VERBO NÃO FINITO]}. Encontramos, nos *corpora* analisados nesta pesquisa, oração encaixada subjetiva finita com posicionamento avaliativo apreciativo.

## Considerações finais

Neste artigo, propusemo-nos apresentar e discutir, sob a luz da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), o complexo oracional subjetivo, composto por verbo *ser* e predicativo na matriz, observando, pontualmente, a realização das microconstruções. Defendemos que os fenômenos linguísticos revelam uma relação intrínseca entre função e forma, já

que o falante instancia sua expressividade a partir da forma (BYBEE & FLEISCHMAN, 1995; FISCHER, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016).

Apresentamos, em linhas gerais, as características funcionais e formais do complexo oracional subjetivo e identificamos os modos específicos da inserção do falante no enunciado. Portanto, confirmamos a hipótese levantada no início do artigo: os padrões microconstrucionais observados marcam diferentes expressões instanciadas pelo falante, uma vez que servem a propósitos comunicativos distintos. Para tanto, mostramos que há diferentes funções e formas no tocante à seleção do predicativo, considerado o *locus* do posicionamento do falante.

O predicativo é o elemento linguístico que abarca, conforme o levantamento dos dados, majoritariamente adjetivos e substantivos. De acordo com a seleção, principalmente, do predicativo, o falante sinaliza se assume ou não o dito como factual – ou seja, se instancia posicionamento avaliativo, marcando o enunciado a partir de sua realidade interna ou externa, ou posicionamento modalizador, definindo o grau de comprometimento e ainda se exerce controle sobre o dito. Por isso, este trabalho é propositivo ao defender que há uma diferença funcional quanto à seleção de predicativos típicos da instanciação de posicionamentos específicos. Assim, o falante pode, dentro de uma mesma classe de palavras, selecionar predicativos modalizadores ou avaliativos ou, ainda, selecionar um mesmo predicativo para instanciar usos diferentes.

Para ilustrar, as ocorrências *necessário*, *claro*, *possível*, *gratificante* e *complicado* pertencem à classe dos adjetivos e foram encontrados na realização formal do complexo oracional subjetivo para a instanciação de posicionamentos específicos do falante. Por isso, ao descrevermos o padrão formal do complexo oracional subjetivo, identificamos o tipo de predicativo presente em cada microconstrução.

Além disso, adjetivos como *bom*, *difícil*, *divertido*, *interessante* e *legal*, por exemplo, estão presentes em usos, investigados neste trabalho, marcados tanto por posicionamento avaliativo apreciativo quanto afetivo. A especificação do posicionamento do falante ocorre a partir da harmonização do predicativo com elementos linguísticos presentes na própria matriz, na encaixada subjetiva ou ainda na seqüência linguística em que está presente o complexo oracional subjetivo, delimitando a realidade à qual o falante se refere, seja interna ou externa a ele.

## Referências

- BYBEE, J.L.; FLEISCHMAN, S. *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, v. 32, 1995.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, volume especial, 1:55-67, Rio de Janeiro, dez.2016.
- GONÇALVES, S.C.L.; SOUSA, G. C., CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R., NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 2, 2008, p. 1021-1084.
- MOURA, M.Z. *Complexo oracional subjetivo sob a abordagem construcional da mudança*. 2017. 223f. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 20. mar. 2017.
- OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M.R., ROSÁRIO, I. C. (orgs.) *Linguística Centrada no Uso – Teoria e Método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, v.1, 2015, 160p.
- PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. da C. do. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, volume especial, 1:139-151, Rio de Janeiro, dez. 2016.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a.
- \_\_\_\_\_. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R. & KEMPSON, R. (eds.) *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b.



\_\_\_\_\_; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C.C.A.S., KOCH, G.V. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

## **SUBJECTIVE CLAUSAL COMPLEX UNDER THE CONSTRUCTIONAL APPROACH TO CHANGE**

### **ABSTRACT**

This article presents an investigation of main clauses, consisting of the verb be and predicative, and their embedded clauses, which work syntactically as subject, in the light of the constructional approach to change (TRAUGOTT, 2008a, 2008b; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). We aim to understand how this object is organized and developed in the Portuguese language, highlighting the microconstructional uses.

**KEYWORDS:** Constructional approach to language change; constructional network; subjective clausal complex.